Avaliações em série confundem professores

Educadores têm dificuldade de analisar resultados do Ideb e cumprir meta

Ocimara Balmant
ESPECIAL PARA O ESTADO

Além de trabalhos e provas, um aluno do 5.º ano do ensino fundamental da rede estadual de São Paulo pode fazer, neste ano, outras três avaliações: o Saresp, o Saeb (por amostragem) e a Prova Brasil. Esses exames ganharam espaço no calendário escolar por retratar a educação no País e estabelecer metas de melhoria. O questionamento que fica é: o que fazer com os resultados?

Segundo os especialistas, a divulgação dos dados é apenas o primeiro passo. Se não houver uma interpretação precisa dos indicadores, o esforço é em vão. "Não olhar o indicador é burrice, olhar só para ele é inocência", afirma Amaury Gremaud, professor da Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Conselho Consultivo da Avalia Educacional.

É preciso ponderar, na opinião de Maria Helena Guimarães, que foi secretária da Educação de Estado de São Paulo e hoje integra a ONG Parceiros da Educação. "O número sozinho não significa nada. E os professores se queixam muito da dificuldade que têm para entender os resultados." Uma pesquisa divulgada neste mês pela Fundação Victor Civita, que ouviu 400 coordenadores pedagógicos do País, mostrou que 47% deles não souberam dizer o resultado de sua escola no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Indicador que une dois conceitos – fluxo escolar (porcentual de aprovação) e médias de desempenho na Prova Brasil –, é a partir do resultado do Ideb que cada escola tem a sua meta estipulada e o prazo de dois anos para atingi-la, periodicidade com que a avaliação é realizada.

"É preciso interpretar o Ideb, e isso não é simples, O fluxo é um conceito basicamente estatístico, o problema é entender o resultado da Prova Brasil. O MEC encomendou estudos, pesquisas, análises dos resultados, mas não existe um relatório pedagógico que seja compreensível para os professores da rede básica", diz Maria Helena.

Padrão. Para Eloísa de Blasis, do Centro de Estudos e Pesquisa de Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), o primeiro passo é assimilar e contextualizar cada informação do boletim com os resultados da Prova Brasil, teste que avalia os alunos nos conteúdos de Português e Matemática.

"Se o gestor vê que os alunos têm um nível de proficiência considerado satisfatório, precisa saber quais as competências e habilidades já possuem e avançar no que ainda precisam aprender. Muitas vezes, é uma desavença curricular. Ele percebe que a prova persegue um padrão que a escola não reconhece."

Para ajudar nesse entendimento, o Cenpec criou, em parceria com Fundação Itaú Social, um projeto que visa a trabalhar os resultados da Prova Brasil com coordenadores. O primeiro congresso aconteceu, no início deste mês, em Ponta Grossa (PR). Em dois encontros de oito horas de duração cada um, que reuniu coordenadores e diretores, foi feito um estudo de caso.

"É preciso instrumentalizar porque a complexidade técnica da avaliação é muito grande. Vimos a angústia de muitos deles por não compreenderem com clareza e, por isso, não conseguirem trabalhar melhor."

É só com o desvelamento dos resultados que é possível estabelecer estratégias para o alcance da meta. "Depois que você entende, começa a se perguntar a razão daquele resultado. É importante que a escola se compare com outras de perfil sócio econômico parecido, com as mesmas condições de infraestrutura", diz Gremaud. Segundo ele, se bem entendido, o Ideb funciona como um espelho. "Muitas vezes a gente esconde os problemas mas, em outras, escondemos os nossos trunfos. Esse olhar externo ajuda a balizar."

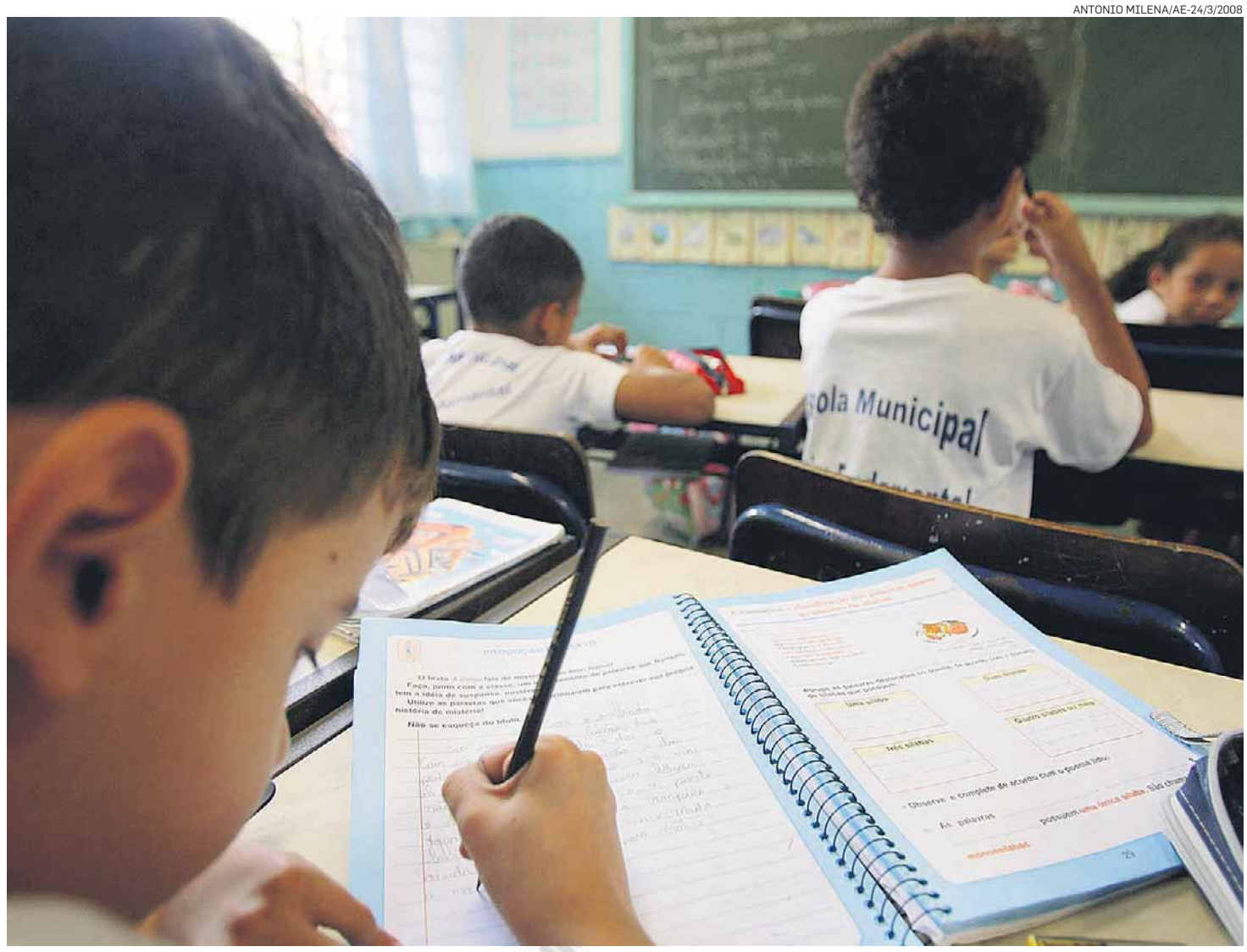
Apesar de necessário e importante, é consenso entre os especialistas, porém, que alguns processos da avaliação, ainda precisam ter avanço.

Para Gremaud, é importante que a Prova Brasil seja ampliada: "Em Português, só se avalia a leitura, é importante que a escrita seja incluída. No ensino médio, é fundamental que incluam conteúdo de ciências naturais e humanas."

Maria Helena diz que é preciso avançar tecnologicamente na produção da prova. "O ideal é que a prova seja respondida no computador e haja um software que apresente questões mais complexas à medida em que o aluno avance na resolução. Isso no Enem, por exemplo, iria tornar a avaliação mais fidedigna."

Os problemas próprios do sistema educacional brasileiro também precisam ser levados em conta, pondera Eloísa, do Cenpec. "O Ideb não necessariamente representa a realidade da escola. O número classifica em ordem crescente e decrescente, mas em educação há muitas variáveis. Escolas em territórios de maior vulnerabilidade estão mais vulneráveis. Não dá para ignorar, também, as condições dentro da escola, o capital social das famílias e o fato de que ainda temos professores leigos."

ANTONIO MILENA/AE-24/3/2008



Aprendizado. Alunos da rede municipal de Sete Barras, no Vale do Ribeira: avaliações dão às escolas mapa de deficiências

ENTENDA OS PRINCIPAIS ÍNDICES

● Saeb
O Sistema de Avaliação da Educação Básica avalia, por amostragem, o 5º e 9º ano do ensino fundamental e o 3º ano do médio. A prova de português e matemática é aplicada a cada dois anos nos sistemas público e particular.

● Prova Brasil
É complementar ao Saeb. Avalia de forma universal o aprendizado de português e matemática no ensino fundamental – 5º e 9º anos – de escolas públicas.

● Ideb
O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica é uma avaliação feita a cada dois anos que mede a qualidade da escola e da rede de ensino, por meio do desempenho do fluxo escolar (porcentual de aprovação) e médias de desempenho na Prova Brasil.

● Saresp
O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo é composto de prova de Matemática, Português, Ciências, Redação, Geografia e História aplicada a alunos dos 3º, 5º, 7º e 9º anos do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio. Avalia a assimilação dos alunos e a qualidade do ensino nas escolas públicas do Estado de São Paulo.

Avanços no Ideb dependem de trabalho coletivo

Melhora reflete motivação de docentes, participação da família e construção de novas práticas pedagógicas

O crescimento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) está relacionado à mobilização de todos os envolvidos na vida escolar, dos dirigentes municipais aos pais. Essa é a conclusão do estudo Caminhos do Direito de Aprender, divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

A pesquisa analisou os caminhos percorridos por 26 municípios, um de cada Estado, que registraram grandes avanços nos resultados do Ideb. Em todos eles, o problema do desconhecimento sobre a natureza e a função do Ideb e da Prova Brasil foi atacado com medidas simples, como reuniões e campanhas de informação para os profissionais da rede.

"O Ideb funciona como um termômetro: deu 38ºC, você sabe que está com febre, mas não sabe que doença é. Quando todos conversam juntos na escola, descobre-se a doença e começa o tratamento", diz Maria de Salete Silva, coordenadora do Programa de Educação da Unicef.

Dentre as estratégias para melhora, investir na formação dos professores foi fundamental: a medida apontada por 24 dos 26 municípios. Em Boa Vista do Tupim (BA), cidade que registrou o maior avanço na nota do Ideb entre as 26 analisadas (2,6 pontos), foi criado um projeto de formação continuada em cadeia, por meio de multiplicadores.

● Pesquisa
O estudo mostra o que fizeram 26 municípios do País para avançar no Ideb. Foram feitas entrevistas com dirigentes municipais e com a comunidade escolar, além de visitas às escolas.

Trabalhar as práticas pedagógicas também foi uma das medidas para melhorar o Ideb. A ampliação do tempo de aprendizagem e a criação do reforço escolar aparecerem como algumas das estratégias utilizadas.

Em Feijó (AC), por exemplo, foi criada uma turma no contraturno para atender alunos que chegam do seringal com dificuldades de aprendizagem, apesar de ter sido aprovados. Em Sapezal (MT), os atendidos pelas aulas de reforço são os alunos indígenas, que estudam aos sábados, em horário integral.

A contextualização dos conteúdos é outro referencial importante nos municípios que apontaram as práticas pedagógicas como fator de avanço. Em Santana (AP), os projetos dos alunos são realizados de forma interdisciplinar, geralmente agregados por série ou ciclo.

Discussões. Por fim, a motivação e compromisso dos professores e a relação da família com a escola também foram apontados como atitudes que ajudaram os municípios a subirem seu Ideb. Em Vila Pavão (ES), durante o planejamento anual, as escolas realizam encontros bimestrais com as famílias. Os pais participam de discussões sobre a aplicação de recursos financeiros e as atividades do conselho escolar.

Mas nem tudo está resolvido nesses locais. Dentre o que ainda precisa ser melhorado, cerca de metade dos municípios relatou a necessidade de ampliar o tempo da criança na escola, seja por meio da implantação de unidades de tempo integral, seja pela ampliação das atividades de contraturno. A diversidade cultural e inclusão de crianças com deficiência também apareceram com destaque.

A participação das famílias na vida escolar das crianças foi apontada por 14 dos 26 municípios visitados e um quarto das redes pesquisadas citou como desafio a Educação Infantil. O tema foi mencionado por vários municípios como condição para a melhoria dos resultados nas etapas de estudo subsequentes. **/ O.B.**

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 20 jun. 2011, Primeiro Caderno, p. A18.